

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

JOGLESSON RODRIGO DOS SANTOS COSTA

**“Nascemos Nu o Resto é Drag”: o Blog-Museu Drag como musealização de
resistência**

**GOIÂNIA
2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Joglesson Rodrigo dos Santos Costa

Título do trabalho: “Nascemos nu o resto é drag”: o Blog-museu Drag como musealização de resistência

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Joglesson Rodrigo Dos Santos Costa**, Usuário Externo, em 15/03/2024, às 21:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Azevedo De Moraes Wichers, Professora do Magistério Superior**, em 19/03/2024, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4451624** e o código CRC **F18CF390**.

Referência: Processo nº 23070.005956/2023-74

SEI nº 4451624

JOGLESSON RODRIGO DOS SANTOS COSTA

**“Nascemos Nu o Resto é Drag”: o Blog-Museu Drag como musealização de
resistência**

Monografia apresentada ao Bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers

**GOIÂNIA
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Joglesson Rodrigo dos Santos
Nascemos Nu e o resto é Drag [manuscrito] : O BLOG-MUSEU
DRAG COMO MUSEALIZAÇÃO DE RESISTÊNCIA / Joglesson Rodrigo
dos Santos Costa. - 2023.
LXIII, 63 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Camila Azevedo de Moraes Wichers.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS),
Museologia, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras.

1. Blog-Museu Drag. 2. Cultura. 3. Drag. 4. Museologia. 5.
Museologia LGBT. I. Wichers, Camila Azevedo de Moraes , orient. II.
Título.

CDU 069.1

“Nascemos Nu o Resto é Drag”: o Blog-Museu Drag como musealização de resistência

Monografia defendida no Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Prof^a. Dra. Camila A. de Moraes Wichers (orientadora)

Prof. Dr. Tony Willian Boita (Revista Memórias LGBT)

Prof^a. Ma. Bárbara Yanara da Silva (FCS/UFG)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quinze dias do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado ““NASCEMOS NU O RESTO É DRAG”: O BLOG-MUSEU DRAG COMO MUSEALIZAÇÃO DE RESISTÊNCIA”, de autoria de JOGLESSON RODRIGO DOS SANTOS COSTA, do curso de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra Camila A. de Moraes Wichers, orientadora, da FCS/UFG, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Tony Boita (Revista Memórias LGBT) e Profa. Ma. Bárbara Yanara (FCS/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final: 10 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Azevedo De Moraes Wichers, Professora do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tony Willian Boita, Usuário Externo**, em 16/02/2023, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bárbara Yanara Da Silva, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 16/02/2023, às 17:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3501375** e o código CRC **175893A3**.

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada. Em especial aos meus orientadores, amigos, família e a todos aqueles a quem esta pesquisa possa ajudar de alguma forma.

AGRADECIMENTOS

Ingressar na Universidade Federal de Goiás (UFG), sempre foi um sonho, agradeço a minha mãe por sempre me incentivar nesse percurso da minha vida. Agradeço a UFG pela possibilidade do estudo. À Faculdade de Ciências Sociais pela formação e possibilidade do conhecimento e ao curso de Museologia que me ensinou a ter um olhar de museólogo. A todos os professores que fazem parte do corpo docente da UFG - Curso Museologia. Agradeço aos meus amigos e colegas de curso, que estiveram sempre ao meu lado durante o meu percurso acadêmico.

Agradeço de coração ao meu primeiro orientador, o Prof. Dr. Jean Baptista, por me mostrar que é possível construir futuros e trabalhos que fogem do normativo, que é possível realizar trabalhos como esse e inspirar pessoas. Obrigado por todo o seu apoio, dentro da academia, sempre com muita gentileza, sabedoria e paciência.

À minha orientadora, a Profa. Dra. Camila A de Moraes Wichers, por ter assumido a orientação em um momento de adversidade da vida. Por ter me ensinado muito, pelas trocas de palavras sábias e pela orientação maravilhosa que desenvolvemos. Desejo que a museologia possa ter mais docentes como você, que nos apoia e abraça, para que possamos sempre desenvolver o nosso melhor, sem nos encaixar em um cubo normativo.

Ao Dr. Tony Willian Boita, por ter enxergado potencial no meu trabalho e ter me convidado para integrar a equipe da Revista Museologia LGBTQ+ Goiás. Pela elaboração do artigo. Sempre levarei no coração o aprendizado e o privilégio de partilhar desse momento.

Agradeço a todas as artistas do coletivo *Drag* Goiás, que me ajudaram na construção desse projeto maravilhoso, agradeço a Rupaul, por tornar a Cultura *Drag* tão grandiosa, que vai além do nosso nicho, e agradeço a todas as montadas da nossa nação.

Obrigado!

Resumo

Esta pesquisa visa compreender, preservar e enaltecer a cultura *Drag*, muitas vezes vista somente como performance artística. Proponho o Blog-Museu *Drag* como forma de musealizar essa cultura e de ensinar mais sobre suas nuances, abordagem ainda inédita na Museologia Brasileira. Vejo a importância de abordar esse tema porque nos anos 1980, a comunidade LGBTQIA+ sofreu um grande abalo por causa do surto de HIV/AIDS, e a cultura *Drag* tornou-se um espaço de resistência, de luta pela vida. Tendo em vista as incertezas do futuro, acredito que a criação do museu *Drag* é de grande valia para a preservação da cultura. Tenho como base teórica a Museologia Comunitária e a Museologia LGBT de Boita (2014), junto com os procedimentos da cadeia operatória de Bruno (1996), para um fazer museológico social e integrante, para toda a comunidade. Metodologicamente, foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas com artistas, para entender a cena em Goiânia-GO. E, por fim, a produção do blog e sua exposição. A fim de mergulhar nessa cultura, faremos um pequeno passeio pelo tempo, para entender sua existência, resistência e persistência, para que hoje em dia ela seja tão aclamada pela comunidade *Queer* e aliados. Será apresentado, então, o Blog-Museu *Drag*, como um processo de musealização inovador. Nos tempos atuais, onde se fala muito de diversidade, é muito importante abordar essa cultura, para questões de reconhecimento e identificação.

Palavras-Chave: Blog-Museu *Drag*, Cultura, *Drag*, Museologia, Museologia LGBT.

Abstract

This research aims to understand, preserve and enhance Drag culture, often seen only as an artistic performance. I propose the Blog-Museum Drag as a way to make this culture a museum and to teach more about its nuances, an approach that is still unprecedented in Brazilian's Museology. It is important to highlight this theme because in the 1980s, the LGBTQIA+ community suffered a great shock because of the HIV/AIDS outbreak, and Drag culture became a space of resistance, of struggle for life. In view of the uncertainties of the future, I believe that the creation of the Drag museum is of great value for the preservation of culture. My theoretical basis is Boita's Community Museology and LGBT Museology (2014), along with Bruno's (1996) operating chain procedures, for a social and integral museological work for the community. Methodologically, bibliographic research and interviews with artists were carried out to understand the scene in Goiânia-GO. And, finally, the production of the blog and its exhibition. In order to plunge into this culture, we will take a short walk-through time, to understand its existence, resistance and persistence, so that today it is so acclaimed by the Queer community and allies. The Drag Blog-Museum will then be presented as an innovative musealization process. In current times, where there is a lot of talk about diversity, it is very important to address this culture, for issues of recognition and identification.

Keywords: Blog-Museum Drag, Culture, Drag; Museology, LGBT Museology.

Lista de figuras

Figura 1. Crossdressing na Era Vitoriana durante os séculos XIX e XX.	16
Figura 2. Representação do ator Ayame Yoshizawa (1673-1729).....	17
Figura 3. Registro da ópera de Pequim.....	18
Figura 4. Capa do Álbum Supermodel of the World, lançado em 1993.....	22
Figura 5. Primeiro layout do Blog-Museu Drag.	27
Figura 6. Link e QR Code do Blog-Museu Drag.....	32
Figura 7. Drag Queen Any Volazi.....	36
Figura 8. Drag Queen Justine Glasgow.	38
Figura 9. Drag Queen Donatella Vegara.	39
Figura 10. Drag Queen Vaiola Viola.....	41
Figura 11. Drag Queen Paulette Paula.	43
Figura 12. Drag Queen Lara Precious Bittencourt.....	44
Figura 13. Drag Queen Tanysha Laquanda.	48
Figura 14. Drag Queen Elay Oliv.....	49
Figura 15. Drag Queen Victor Baliane.....	50
Figura 16. Drag Queen Tynna Risquê.....	51
Figura 17. Playlist 1. Drag Queen´s Playlist.	52
Figura 18. Playlist 2. Drag Queen Brasil.	52

Lista de tabelas

Tabela 1 – A cadeia operatória museológica aplicada em museus e no <i>Blog-Museu Drag</i>.....	29
---	-----------

Lista de abreviaturas e siglas

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
GO	Goiás
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
ICOM	Conselho Internacional de Museus
LGBT	Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transsexuais
LGBTQIAP+ Assexual e +	Lésbica, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo,
RPDR	Rupaul Drag Race
SEBRAMUS	Seminário Brasileiro de Museologia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

.

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1. GIRO DRAG: Contextualização da Cultura Drag ao longo dos anos	15
1.1. As Monas Onnagatas	17
1.2. O Arrasto Shakespeariano	18
1.3. Shade, tombo, montagem...	19
1.4. O boom Drag	22
1.5. O corre Drag	23
Capítulo 2 - O CLOSE CERTO	25
2.1. Como um Blog é museu?	25
2.2. O Blog-Museu Drag	26
2.3. Captando o Processo	30
2.4. Conheça o Blog Museu até aqui.	31
Capítulo 3. CYBEREXPOSIÇÃO	34
3.1. Gente semelhante igual?	34
3.2. EXPOSIÇÃO HOUSE OF GOYAZ	36
ANY VOLAZI @anyvolazi	36
JUSTINE GLASGOW @justineglasgow	38
DONATELLA VEGARA @Donatellavegara	39
VAIOLA VIOLA @vaiolaviola	41
PAULETTE PAULA @Paulettepaula	43
LARA PRECIOUS BITTENCOURT @preciousbitt_	44
TANYSHA LAQUANDA @Tanishalaquanda	48
3.3. Outros artistas que integram a cena Drag em Goiânia - Goiás.	49
ELAY OLIV @elayoliv	49
VICTOR BALIANE @victorbaliane	50
TYNNA RISQUÊ @tinnarisqueoficial	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A - PÔSTER BLOG-MUSEU DRAG, APRESENTADO NO SEBRAMUS	57
APÊNDICE B - ARTIGO BLOG-MUSEU DRAG EM PARCERIA COM A REVISTA Memória LGBT+ GOIÁS.	58

INTRODUÇÃO

Entende-se que a Museologia comunitária propõe um museu gerado por membros da comunidade, e não agentes externos. Dessa forma há um processo de integração da comunidade com o Blog-Museu *Drag*, pois a mesma se sente pertencente ao museu e da sua história. O processo do museu social auxilia na construção do sujeito social e ao mesmo tempo gera reflexões e fortalecimento das suas identidades. O museu só irá reforçar toda essa identidade através da sua legitimidade apresentando toda a resistência e existência dessa comunidade.

A arte *Drag* tem como uma das suas características a produção de reflexões, práticas e conhecimentos sobre o próprio corpo, a arte drag expande o conceito de identidade e nos possibilita entender como indivíduo, dentro da sociedade. Para muitos o *Drag* é como se fosse a armadura do Homem de Ferro na qual nos sentimos invencíveis, protegidos e blindados de tudo que o mundo possa nos atacar. Porque afinal *Drag* não é só colocar uma peruca e uma maquiagem, *Drag* é um ato político.

Pensando na união da Museologia Comunitária, com a Cultura *Drag*, pretendo apresentar um pouco desse movimento tão rico, as danças, vestimentas, arte e expressões artísticas, partindo desse os princípios e da luta pelos seus direitos.

O *Blog-Museu* não é um *blog* de um museu que já existe, ele é o próprio museu no formato de um digital, porque esse formato permite o fácil acesso ao público e é uma plataforma de divulgação e propagação da cultura *Drag*. Ele serve como um ponto de cultura, apoio e troca entre as *Drags* e pessoas aliadas à causa.

O *Blog* não tem a função original de ser um museu, mas escolhemos Glamourizar o *Blog*, transformando-o em uma *Drag*, pois ele foge dessa linha normativa, para se entender e se identificar como museu. O *Blog-Museu Drag* é a agulha que fura a bolha do tradicional em busca de reconhecimento e preservação da Cultura (LGBTQIA +) no geral.

A proposta inicial do *Blog-Museu* tem como propósito transmitir essa cultura para outras pessoas que não fazem parte do nicho da comunidade. O museu é proposto no formato de um *Blog*, por ser um espaço mais dinâmico que possibilita a troca entre as pessoas através dos comentários, além de ser mais atrativo e acessível, para quem não consegue acessar uma instituição museal. E também sabemos que o

mundo ainda é muito preconceituoso com pessoas LGBTQIA +, portanto o museu nesse formato permite que o conhecimento seja passado e a interação entre as pessoas ocorra de forma natural e segura. Desta forma o Museu tem como proposta mostrar todo conhecimento, da cultura *Drag*, arte e outros elementos que existem embaixo de cada camada de maquiagem e laquê, através de uma exposição com artistas Goianas, se apresentando e falando sobre a importância da cultura drag em Goiânia- GO.

No primeiro capítulo trarei uma contextualização histórica da cultura *Drag*, iniciando pelo mundo Grego e artístico do início da idade moderna, passando pelos anos 70 e 80 mediante a pandemia do *HIV/AIDS*. passarei pelos anos 90, onde a cultura retorna a ganhar espaço na sociedade. Até alcançar os dias atuais, onde se vê seu fortalecimento e expansão da arte.

No segundo capítulo trarei a construção do Blog-Museu *Drag*, *como se deu esse procedimento, aqui irei abordar o que é um blog-Museu*, o porquê de escolher esse formato, e como ele será alimentado pelos procedimentos museológicos como a cadeia operatória Bruno(1996).

No Terceiro capítulo, irei apresentar a primeira exposição criada para o Blog-Museu Drag, Com fotografias e entrevistas das artistas locais, que fazem Drag na cena de goiânia, nesses momentos eles apresentaram a suas drags, e será argumento porque a importância de preservar a cultura drag, e LGBTQIA+ no geral.

CAPÍTULO 1. GIRO *DRAG*: CONTEXTUALIZAÇÃO DA CULTURA *DRAG* AO LONGO DOS ANOS

Nos últimos anos tivemos uma grande aparição de artistas *Drags*. Fui apresentado ao Universo das *Drags* em 2017, durante uma apresentação da *Drag Queen* Gloria Groove, meses depois conheci a *Drag Queen* Pabllo Vittar, ao acompanhar algumas entrevistas que elas concederam na época. Me lembro delas citarem que são filhas de *Rupaul*, claramente fiquei curioso, ao pesquisar mais sobre na internet cheguei até o *reality show Rupaul Drag Race* (RPDR)

E foi exatamente naquele momento que criei afeto pela arte e cultura *Drag*, e pela forma como elas são capazes de se expressar e externar toda a persona que sempre esteve aprisionada em seus corpos. Esse universo me encantou, pois temos testemunhado o “*Boom das Drags*” que cada vez ganham mais espaço na sociedade e furam sua bolha atingindo novos públicos, através da sua arte.

A arte *Drag*, durante longos anos, foi vista por muitos como uma arte que se restringia aos guetos e a comunidade (LGBT), presente nos *Ballroom* (Salão de Baile). Na atualidade esse pensamento decaiu e a cena *Drag* se faz presente em vários campos das mídias sociais, essa proximidade acabou por gerar uma sensação de acolhimento e reconhecimento pelo público.

Ao pesquisar sobre a arte *Drag* para a construção do Blog-Museu *Drag*, me surpreendi, porque ao contrário do que muitas pessoas pensam, a cultura *Drag* não é algo que surgiu atualmente, se tem registros desse tipo de arte desde a Grécia antiga. O que vemos hoje em dia é apenas o retorno mais expressivo dessa arte, de forma que as *Drags* consigam ganhar mais espaços e novos públicos, saindo do seu nicho LGBTQIA +.

Desta forma procuro exibir alguns recortes de uma longa história onde a cultura *Drag* foi essencial para o desenvolvimento da sociedade. Os mais antigos registros da arte *Drag* são da Grécia Antiga, no ano de 534 a.C. eram realizados festivais e celebrações para o Deus Dionísio, esses festivais eram elaborados em teatros onde atores homens utilizavam máscaras para representar papéis masculinos e femininos. Naquele contexto a atuação era uma prática destinada apenas aos homens, as mulheres eram proibidas de se apresentarem em palcos, por ser considerado

inapropriado. Desta forma os homens tinham o papel de performar esse papel destinado às mulheres, para isso além da máscara eles utilizavam adereços como vestidos e enchimentos, para se assemelhar as curvas femininas.

Por volta dos anos 1100 D.C começou a surgir e se popularizar a prática dos teatros onde eram apresentadas várias peças, a Igreja tentou impedir essa prática, porém sem sucesso, então ela se aliou ao movimento e o trouxe para si. Desta forma, ela passou a apresentar peças para retratar melhor as passagens da bíblia aos fiéis. Da mesma forma, nesse momento as mulheres eram proibidas e excluídas de exercer atividades dentro da igreja, as representações femininas eram feitas por jovens adolescentes homens.

Essa prática de teatro desenvolvida por homens que possuíam a intenção de representar as mulheres se tornou popular no meio das artes cênicas. Esse movimento artístico não possuía um nome em específico, foi apenas na era do Reinado vitoriano durante os séculos XIX e XX, que a expressão *Drag* foi utilizada pela primeira vez, “as drags também conhecidas com as damas da pantomima foram responsáveis por popularizar a representação feminina pela Europa, com fins artísticos” (AMANAJAS, 2015 Apud BAKER, 1994 p.161)

Figura 1. Crossdressing na Era Vitoriana durante os séculos XIX e XX¹.



Fonte: Retirado do site <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/em-imagens-drag-queens-da-era-vitoriana.phtml>

¹ Crossdressing é um termo que se refere a pessoas que vestem roupa ou usam objectos associados ao sexo oposto, como por exemplo: joias, perucas, perfumes, maquiagens, por qualquer uma de muitas razões, desde vivenciar uma faceta feminina (para os homens), masculina (para as mulheres).

1.1. As Monas *Onnagatas*

Sáimos da Era Vitoriana e adentramos no território oriental, entendo que o termo oriente é uma invenção do ocidente, para se referir a um conjunto de países e culturas. Utilizo o termo aqui para nos localizar melhor na história, pois é lá que encontramos algumas manifestações da cultura *Drag*, presentes no Japão através do Teatro *Kabuki*. No século XVII, ele operava com moldes similares com às manifestações artísticas da Era Vitoriana, o teatro *Kubuki* feminino era proibido por ser associado a prostituição. Os homens interpretavam os papéis femininos de forma artística no palco durante as apresentações, envolvendo também a quebra de tabus e a provocação de estereótipos. Ao contrário da Era Vitoriana, que passou a utilizar o termo *Drag*, nos países asiáticos como o Japão era utilizado o termo *Onnagata*, para se referir aos artistas que representavam mulheres nos teatros.

Figura 2. Representação do ator Ayame Yoshizawa (1673-1729)



Fonte: Retirada do site. <https://japaocomtsuge.com.br/kabuki/>

Ainda no Oriente encontramos na China a Ópera de Pequim, que é uma festividade que teve sua origem no século XVIII, para comemorar o 80º aniversário do imperador Qian Long, onde quatro companhias de Ópera da província de Anhui apresentaram as histórias e mitos chineses.

A estrutura cénica é composta pela perfeita harmonia entre dança, mímica, música, artes marciais, canto e acrobacia. Esse aspecto torna a Ópera de Pequim

algo único no mundo e esse reconhecimento vem não só através da aclamação das diferentes classes sociais que formam sua plateia, mas também com o reconhecimento oficial da (UNESCO) a tornando Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 2010.

Uma das partes mais importantes da ópera de Pequim é a maquiagem, que exige práticas tão exatas e perfeitas, assemelhando-se às máscaras. Mas onde está a *Drag* na ópera? Há vários personagens nesse movimento, porém tem um em específico chamado *Dan* que é responsável por desempenhar o papel feminino.

Figura 3. Registro da ópera de Pequim



fonte: retirada do site <https://www.oichinaonline.com.br/opera-de-pequim/>

1.2. O Arrasto Shakespeariano

No século XVI, há relatos que na Inglaterra as peças de *Shakespeare* contavam com artistas transformistas para interpretar personagens como Julieta, Desdêmona e Ofélia, encenadas por homens. Nesse mesmo período, durante o reinado da rainha Elizabeth I (Isabel I, em português), na Inglaterra, que foi um período considerado a era dourada, em relação à literatura e poesia, junto com esses movimentos entrou em vigor, o código de vestimenta, onde passou a ser definido o que era roupa de homem

e roupa de mulher, desta forma as vestimentas passaram a ser ligadas ao status e gênero.

Foi nesse período, entre os séculos XVI e XVII, que passou ser feita a ligação entre a arte *Drag* e a homossexualidade, o que acabou acarretando a marginalização desses artistas. Com a discriminação vinda da sociedade, sendo assim os atores transformistas passaram a se apresentarem em bares e casas de show, onde seu trabalho era feito de forma caricata por se trata de uma sátira das mulheres tradicionais de forma exagerada.

Os homens que se vestiam de mulheres passaram a integrar as peças como uma categoria diferente de atores. Maquiagem exagerada, vestimentas parodiando o estilo da alta sociedade e um humor fizeram esta figura comum para o público e sucesso de crítica. Estas “damas” do teatro passaram a se apresentar em clubes também. Mas as duas guerras mundiais transformaram o cenário mundial e a mulher assumiu nova posição social e a posição da *Drag queen* também foi revista. Aos poucos também passou a estar associada ao homem homossexual. (PINHONI, REGADAS, LIMA, 2017).

Devido a essa maneira exagerada de ser vestir e maquiar o termo “*QUEEN*” foi integrado a *Drag*, como uma maneira de diferenciar as *Drag Queens* dos *crossdresser*².

1.3. *Shade*, tombo, montagem...

Após um grande período vivendo atrás das cortinas dos teatros, durante as décadas de 1970/80, com o avanço das tecnologias da comunicação como cinemas, televisão e espetáculos, as *Drag Queen* voltaram a ganhar destaque novamente na sociedade. Além dos cinemas, a comunidade (GLS)³ (Gays, lésbicas e simpatizantes), na qual as *Queen*⁴ estavam incluídas, passaram a se apresentar nas *Ballroom*.

A cena *ballroom* existe desde os anos 1960, porém o seu auge foi durante dos anos de 1980. A *Ballroom* foi a forma que a comunidade gay e trans do período

² *Crossdressing* se refere a um fenômeno de vestir-se com roupas do sexo oposto, de forma convencional. Essa prática não está associada à orientação sexual do indivíduo. O sujeito apenas se sente bem em se expressar dessa forma, sem se prender em rótulos binários.

³ A sigla “GLS” (Gays, lésbicas e simpatizantes) caiu em desuso. Organizações internacionais como a ONU e a Anistia Internacional adotam a sigla “LGBT” (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais). Dentro do movimento propriamente dito, as siglas podem variar (algumas organizações usam LGBT, outras LGBTT, outras LGBTQ...). Atualmente, a versão mais completa da sigla é LGBTQIAP+.

⁴ Queen: abreviação de drag queen

encontrou de se expressar e sentir parte da sociedade. Alana Sousa (2017) argumenta que “A *ballroom* era e ainda é um espaço de acolhimento, um lugar seguro onde essas pessoas que viviam diariamente às margens da sociedade poderiam, ao menos por uma noite, se sentirem bem consigo mesmas”.

Apesar de toda a celebração da *ballroom* houve um momento em que a cena do *Ball*⁵ passou a ser dominada por pessoas brancas com padrão eurocêntrico, que acabavam ganhando sempre as disputas. creio que as *ball* é um local de acolhimento para todos, porém principalmente para pessoas queer of colour⁶ (REA e AMANCIO, 2018, p.11), que não se encaixavam na sociedade, dessa forma quando os indivíduos brancos começaram a frequentar o baile, acabou por gerar um desconforto na comunidade negra. Até o momento que a lendária *Drag Queen* negra Crystal Labeija criou a primeira *house*⁷, a *House of Labeija*, que marca o início de *ballrooms* voltadas para as pessoas LGBTQs negras e latinas.

Com isso era nos bailes desenvolvidos nas *Ballroom*, que as pessoas se reuniam para disputarem entre si diversas categorias, os vencedores recebiam troféus e o título de lendária que significa uma grande honraria dentro do Ball. As disputas são divididas em categorias importantes como *Voguing*: dança de rua inspirada nas poses das modelos da revista Vogue, e as *Runway*, que são desfiles temáticos na qual os participantes devem servir *realness*, que quer dizer que os *looks* e performances devem chegar ao mais próximo da perfeição, de forma convincente com o tema.

Parte das categorias dos bailes faziam relação direta ao conhecido “*estilo de vida americano*”. Se vestir e agir como um empresário bem-sucedido de *Wall Street* ou como a atriz de *Hollywood* era o mais próximo que poderiam chegar do luxo e dinheiro, dessa forma a categoria *realness* é a forma que os participantes encontram

⁵ Abreviação da palavra *Ballroom*

⁶ A crítica queer of color é uma estrutura interseccional, fundamentada no feminismo negro, que desafia a abordagem de questão única da teoria queer, analisando como as dinâmicas de poder associadas a raça, classe, expressão de gênero, sexualidade, capacidade, cultura e nacionalidade influenciam as experiências vividas dos indivíduos e grupos que possuem uma ou mais dessas identidades

⁷ A House é um coletivo com relações de afeto e hierarquia semelhantes a uma família que é liderado por uma *mother* que no caso das Labeija era a própria Crystal. Era bastante comum, principalmente no auge dos anos 80 com o surto do HIV, que as *mothers* adotassem em suas houses jovens gays e transsexuais que haviam sido expulsos de casa e buscavam abrigo para passar a noite nas ballrooms.

de se sentir parte da auto sociedade americana. Em *Paris is Burning*, documentário de 1991 produzido e dirigido por Jennie Livingston. A obra 78 minutos retrata a cultura dos Ballrooms presente no bairro de Harlem, Nova York. em um trecho do documentário *Pepper Labeija*, mãe da *house of Labeija*, argumenta que “[...] Esse é o sonho e ambição de toda minoria: viver tão bem como uma pessoa branca”, são as palavras da lendária drag queen Pepper Labeija (1948-2003).

Independente do clima de celebração das Ball, um *Shade*⁸ do destino estava surgindo, ainda nos anos 1980: a AIDS/HIV, que logo foi associada de forma preconceituosa à comunidade LBGT, principalmente aos gays. Com a epidemia da AIDS, chegou uma fase ruim para a comunidade “A doença foi um baque para o crescimento do movimento nessa época”, diz a pesquisadora (FACCHINI, 2020 Apud VIEIRA, 2020) “Era o câncer gay, um castigo divino, o que incentivou ainda mais a violência e o preconceito.” Muitos voltaram para o armário, grupos ativistas se dissolveram: era um corolário sombrio, principalmente para as *Drags*, que ganhavam sua renda em apresentações na noite e que foram jogadas de lado.

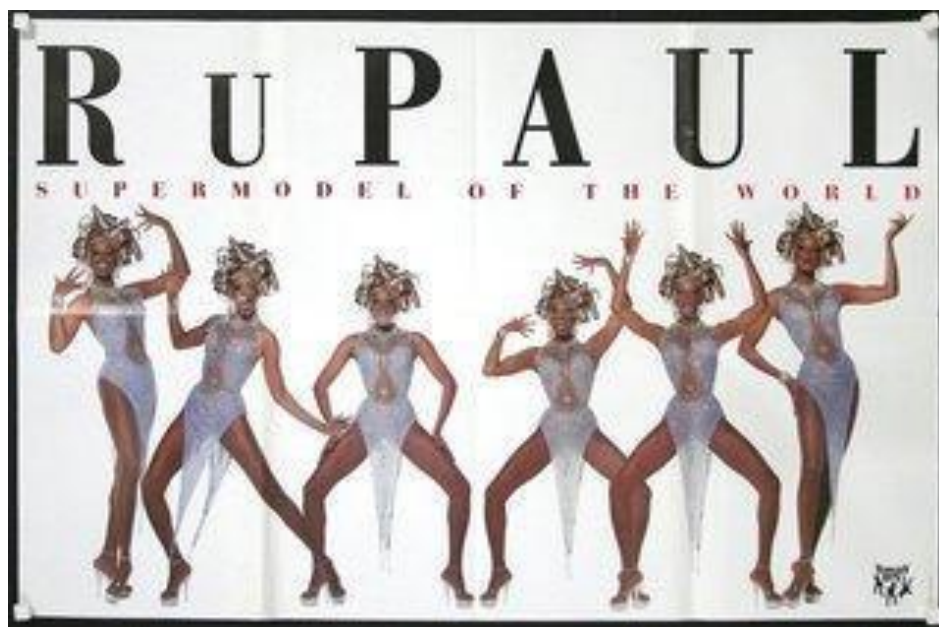
Após esse período ruim para a cultura e o cenário *Drag* que quase caiu no esquecimento, nos anos 1990, surgiu aquela que viria a ser uma das maiores representantes da Cultura *Drag*, RUPAUL CHARLES. A *Drag* de Rupaul fugia do padrão porque até aquele momento as artistas transformistas, usavam de seus personagens para expressavam suas feminilidades de forma caricata e humorada, se apresentavam com vestes femininas de forma cômica e dublavam as grandes divas da época. Rupaul furou a bolha e fugiu do padrão pois ela cantava, ao invés de dublar, e possuía um carisma incrível. Ela tinha o propósito de passar um certo realismo tentando se parecer o mais feminino possível, como se fosse uma mulher cis, isso para a época chamava bastante atenção.

Rupaul (ou apenas Ru para os mais íntimos) se tornou um fenômeno midiático nos seus mais de trinta anos de carreira no showbusiness. Já realizou trabalhos como um ator, cantor, modelo, autor de livros, produtor executivo e apresentador de programas de televisão. Isso tudo a partir de sua imagem como drag queen (MORAES, 2019, p 35).

⁸ Shade: comentário maldoso e indireto.

Rupaul Também é apresentador do maior *reality de Drag queen* do mundo, *Rupaul Drag Race*. Em uma de suas canções *Born Naked* de 2014, Rupaul canta que "todos nós nascemos nus é o resto é *Drag*", essa frase me faz pensar sobre como todos nós podemos fazer *Drag*, já que as *Drags* são persona e alter egos que criamos, para conseguir realizar grandes coisas.

Figura 4. Capa do Álbum Supermodel of the World, lançado em 1993.



Fonte: retirado do site <https://www.chisholm-poster.com/posters/CL65255.html>

1.4. O boom *Drag*

A cena *Drag* está presente no Brasil há anos, e temos artistas muito importantes para a nossa história como as *Drags* Miss Bia, Silvetty Montilla, Rogéria, Márcia Pantera, entre outras. Porém é inegavelmente o impacto de Rupaul no mundo e principalmente no Brasil que fez com que a arte *Drag* voltasse com força para a mídia. Atualmente, estamos vivenciando a “Era de ouro” para as *Drag queens*.

No Brasil, Pablllo Vittar e Gloria Groove, são atualmente as *Drags* mais seguidas no mundo, ultrapassando a própria Rupaul que é declaradamente inspiração para ambas as artistas. Quem poderia imaginar que o Brasil, um dos países mais preconceituosos do mundo, seria um berço das *Drags*? Temos *Drags* no cenário da música pop, sertaneja, funk, forró e brega. Temos *Drags* participando de novelas, filmes e na política.

Todos podemos fazer *Drag*. De acordo com a Teoria *Queer* todos os sujeitos que não se encaixam nos padrões heteronormativos, que não ligam para a questão do ‘ser homem’ e ‘ser mulher’, que seria o modo de doutrinação binária imposto pela sociedade conservadora esse indivíduo seria queer. Quando fazemos parte da comunidade LGBTQIA + isso inclui as *Drag queens/kings*, desta forma a diversidade se faz presente em diferentes faces da sociedade.

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *Drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p. 7-8).

Entendemos que *Drag* é uma personagem criada por um sujeito, para mostrar sua melhor versão de si. *Drag* pode transitar por vários sentidos da vida, além da área artística. Mais o que é a *Drag queen*? O termo inglês *Drag* é uma variação de *Dragon* que significa *Dragão*, porém o termo *Drag* também significa “arrastar”, fazendo referência às longas saias usadas na época do teatro que se arrastavam pelo chão e o Queen, corresponde a palavra rainha.

1.5. O corre *Drag*

Sabemos que a Cultura *Drag* é algo grandioso e muito vasto, possui características próprias como a dança as maquiagem, roupas, linguagem entre outros traços que servem como identidade para membros da comunidade *Drag* e LGBTQIA+. Como vimos anteriormente a cultura *Drag* está no mundo e não é de hoje.

Ao realizar uma revisão bibliográfica acerca do tema cultura *Drag Queen*, na Plataforma Capes foram encontrados 151 resultados entre dissertações e teses, voltados para a cultura *Drag*.

Notei que houve uma avanço no desenvolvimentos dessas pesquisas, relacionadas à temática *Drag* após 2017, creio que possa ser pela popularidade de Pablllo Vittar ou pelo grande sucesso de Rupaul *Drag Race*, ambos foram

fundamentais para chegarmos até esse ponto. Mas me questiono se entre 151 publicações não existe nada voltado para o campo museológico, nada direcionado para museus. nossa vizinha, a Antropologia, já vem desenvolvendo trabalhos relacionados a esse tema há algum anos. Creio que seja pelo fato de muitos museus e pesquisadores optarem pelo tradicional e convencional, às vezes pessoas até possuem a intenção de ajudar a divulgar a causa e a memória, porém sempre são paradas no meio da caminhada.

Tony Boita em seu trabalho monográfico desenvolvido na criação da revista memória LGBT, desenvolveu um mapeamento de instituições que possuíam exposições e temas voltados para a cultura LGBT. Entretanto, não foi identificado nada voltado para a comunidade *Drag* em específico. Por isso creio que o *Blog-Museu Drag* que será apresentado nas próximas páginas é algo inovador para o campo museológico e principalmente para o campo da Museologia social, pois é onde quero chegar, para trabalhar em conjuntos com as pessoas que fazem parte da comunidade e se preocupa com a salvaguarda da memória LGBTQIA+.

CAPÍTULO 2 - O CLOSE CERTO

Após a contextualização da cultura e da trajetória *Drag* ao longo dos séculos, realizada no capítulo anterior, me surgiu o interesse de como seria possível preservar essa cultura tão rica. Com essa preocupação em mente, proponho um *Blog-Museu Drag*.

Para isso usarei como apoio a Museologia LGBT (BOITA, 2014), que vem desenvolvendo trabalhos que atuam com projetos voltados para a comunidade LGBT, dentro da Museologia. *Blog-Museu Drag* é algo que penso como uma subversão do museu tradicional em paralelo com a Arte *Drag*, onde uma pessoa se coloca no *full Drag*, para expressar a melhor versão de si próprio.

2.1. Como um Blog é museu?

O *Blog-Museu Drag* passa por essa transformação no exato momento que deixa o conceito de museu normativo para trás, e se encaixa no meio digital para poder atender mais pessoas que se relacionam com a cultura *Drag*, que precisa ser salvaguardada e celebrada, como diz Pablllo Vittar, “A gente tem que lutar sim todos os dias, passar nosso blush, nosso glitter e sair na rua. E não ter vergonha do que a gente é.” O *Drag* acima de tudo é um ato político.

Para melhor entender como funcionará essa tipologia de museu devemos compreender o que é um *blog*, que é geralmente definido como um site ou parte de um site atualizado com grande frequência, com variados temas. Além de ser um meio de comunicação mais rápido de compartilhar informações e histórias de forma dinâmica.

Existem diversos blogs com variadas ramificações e segmentos, porém aqui irei trabalhar o *Blog* como um museu destinado a Cultura *Drag*, ao invés de um site de um museu já existente. A princípio o *Blog Museu Drag*, surge em meio a pandemia do COVID-19, como forma de transmitir a cultura *Drag* de forma segura, pensando no bem estar das pessoas e na sua saúde mental.

O *Blog Museu Drag* nasceu de um trabalho desenvolvido para a disciplina de antropologia visual, na qual tínhamos que pensar em museus além do convencional,

tendo em vista que a pandemia não nos possibilitou visitar os museus físicos. Partindo deste ponto, o *Blog* surgiu com a visão de um museu digital que atendesse às necessidades da comunidade *queer* que possuísse interesse em preservar sua memória.

O museu no formato digital é inovador e contemporâneo, tendo em vista que, por muito tempo, museus estiveram ligados às mais diferentes tipologias e estilos artísticos que o ser humano desenvolveu ao longo da história, tão antigos quanto à própria concepção de 'humanidade' (KIEFER, 2001, p. 12) e consequentemente contemporâneos ao surgimento da arquitetura. Voltado para ambientes de salvaguarda de objetos pessoais é somente no século XVIII que iríamos a compreender o surgimento dos museus tradicionais ortodoxos direcionados à afirmação dos estados nacionais e abertos ao público, embora esse denominado público ainda fosse muito restrito, a partir da reconversão de antigos prédios patrimoniais, com arquiteturas específicas para salvaguarda, pesquisa e comunicação de coleções diversas (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 29).

Porém, o próprio conceito de museu tem se mostrado inquietante quanto às estruturas. Vemos que tais instituições vêm extrapolando os limites das paredes do edifício tradicional, abrangendo memórias, povos e territórios distintos. A partir deste ponto nasceu uma perspectiva para a abordagem da cultura *Drag*, voltada para o campo da Museologia.

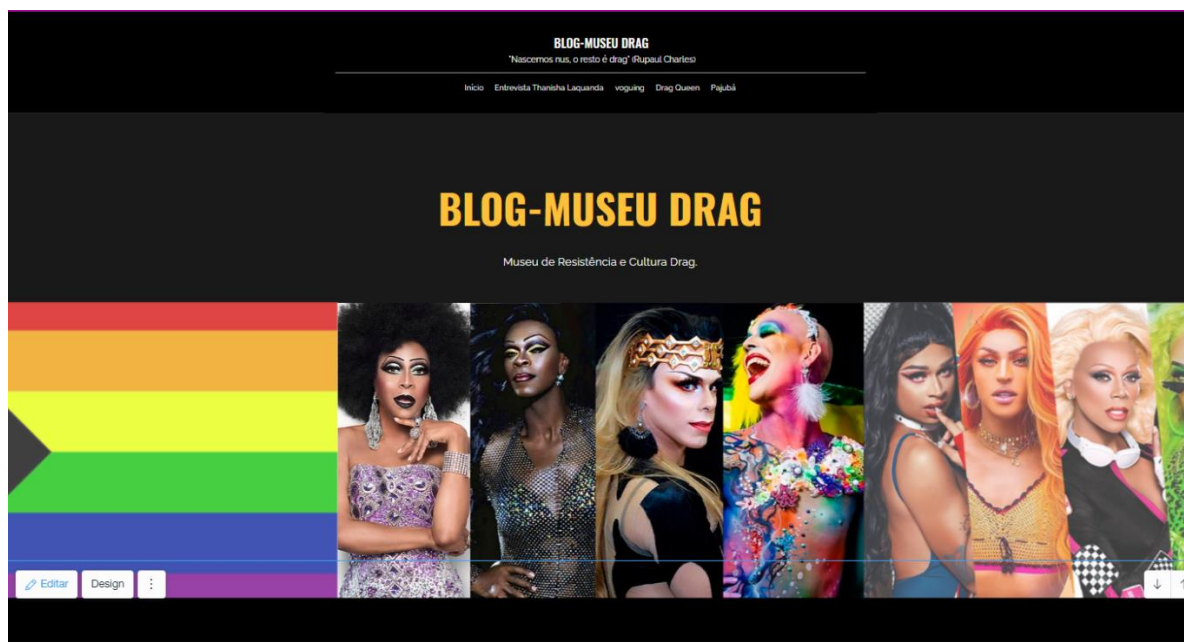
Desta forma o *Blog-Museu Drag* surge como a concepção de ser um anti-museu, aquele se propõe quebrar as estruturas do acervo dentro do edifício (MONTAGNER, 2003, p. 110). Entendo o *Blog-Museu Drag* como um museu digital, sob os pilares da definição de antimuseu de Montagner (2003, p. 110). Ao contrário do entendimento literal, um antimuseu não nega ser um museu, mas sim rompe com as estruturas tradicionais ortodoxas entre paredes de uma instituição, a crise da "caixa", onde o acervo não cabe somente em um espaço.

2.2. O *Blog-Museu Drag*

O *Blog-Museu Drag* é a princípio uma plataforma digital acessível, onde as pessoas podem expressar seus sentimentos e ser quem elas desejarem ser, uma

plataforma que nos possibilita demonstrar o que realmente queremos fazer. Pensando nessa questão da proximidade com o próximo e a liberdade de se expressar, o museu virtual é construído no formato de *blog*, uma espécie de diário online.

Figura 5. Primeiro layout do Blog-Museu Drag.



Fonte: Imagem Pessoal

Nesse museu será possível preservar essa cultura, por não se tratar apenas de colocar uma peruca e se apresentar, se trata de uma compreensão que precisa de prática, paciência, referem-se às performances, saberes e ensinamentos que podem ser passados para as gerações futuras de *Drags*.

Trata-se de uma questão de identidade, como *Rupaul* argumentou uma vez: “Quando você se torna a imagem que imagina de si, é a coisa mais poderosa que você pode fazer”. A *Drag* pode ser a porta para o autoconhecimento e compreensão de si mesmo.

O *Blog-Museu Drag* está em construção, mas é idealizado como uma plataforma de preservação da Cultura *Drag*, através de suas performances, fotografias e relatos. O projeto do *Blog-Museu Drag* é a porta de entrada para o desenvolvimento de uma Museologia *Drag*.

Segundo a nova definição apresentada pelo ICOM 2022 o museu é:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022)

Portanto, para que o *Blog-Museu Drag* tenha aura de um museu é necessário que o mesmo possua alguns procedimentos museológicos, desta forma foi desenvolvida e planejada a cadeia operatória do *Blog-Museu Drag*, baseado e inspirado nos trabalhos de Cristina Bruno (2020).

A revista Memória LGBT faz uma analogia do processo de musealização, de um museu normativo para uma musealização em revista, já que ambos possuem funções sociais com a intenção de salvaguardar e comunicar a memória e a história da comunidade LGBT. Para provar essa analogia, Boita (2014) se apoia nos princípios fundamentais dos museus que são:

Artigo 2 da lei nº 11904 que institui o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, “I – a valorização da dignidade humana; II – a promoção da cidadania; III – o cumprimento da função social; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; VI – o intercâmbio institucional” (BRASIL, 2009). Por sua vez o Conselho Internacional de Museus, diz, “aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu ambiente para fins de educação, estudo e lazer” (BOITA, TONY 2014 apud CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS, 2001).

Ao observar a analogia que Boita realizou para a construção da Revista Memória LBGT, como um espaço de memória e salvaguarda da cultura, me inspiro para construir o *Blog-Museu Drag*, utilizando os mesmos princípios para o desenvolvimento deste projeto. Mas para dar prosseguimento ao projeto é necessário desenvolver a cadeia operatória, conforme Cristina Bruno, a cadeia operatória museológica, integra um sistemas dinâmicos de organização e administração dos indicadores de memórias, a partir de metodologias próprias resultantes das reciprocidades entre fato, fenômeno e processo museológicos que, por sua vez, são ancoradas na cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação. Portanto a “cadeia operatória museológica consiste na salvaguarda e comunicação patrimonial” (BRUNO, 2020, p. 26)

As ações desenvolvidas por um museu tradicional, pela revista *Memória LGBT* e o *Blog-Museu Drag*, devem desenvolver coleta, documentação, salvaguarda e comunicação através de exposições e ações educativas.

Desta forma temos a seguinte cadeia operatória do *Blog-Museu Drag*:

Tabela 1 – A cadeia operatória museológica aplicada em museus e no *Blog-Museu Drag*
(criação minha baseado na cadeia operatória da RMLGBT e em BOITA, 2014)

CADEIA OPERATÓRIA			
	MUSEU TRADICIONAL	REVISTA MEMÓRIA LGBT	BLOG-MUSEU DRAG
INÍCIO DO PROCESSO	Aquisição de Acervo	Doação de Acervo Virtual	Doação de acervo digital Pesquisas
SALVAGUARDA	Documentação do acervo físico e das coleções Conservação	Documentação do acervo virtual. Conservação digital	Documentação do acervo digital Conservação digital, de vídeos e fotografias Pesquisa, sobre o acervo, através de entrevistas, internet, etc.
COMUNICAÇÃO	Expografia Ação Educativa	Exposição bimestralmente Videoconferência Material didático	Exposições Vídeos e Performances Videoconferências, que gerem reflexões sociais. Cursos presenciais e remotos. Oficinas – remotas e presenciais

2.3. Captando o Processo

Vamos compreender como esses pilares da cadeia operatória funcionarão dentro do *Blog-Museu Drag*. A salvaguarda pode ser compreendida como aquisição, documentação e conservação. É neste momento, durante o processo museológico, que o objeto ganha seus primeiros momentos de vida, é cuidado e recebe seus primeiros documentos. A aquisição é compreendida como a forma de entrada do acervo no museu, este é o primeiro passo para o objeto cotidiano, tornar-se objeto de museu, ou seja, portador de memórias. Esse processo de aquisição dos objetos será feito através de doações de acervo digital, incluindo fotografias, registros audiovisuais, artigos, entre outros, que serão coletados durante as pesquisas de campo.

Após o processo de aquisição, os objetos serão armazenados em uma banco de dados, onde serão documentados, pesquisados e tratados de forma correta antes de serem disponibilizados ao público. O museu contará com uma equipe de pessoas colaboradoras para desenvolver os processos para o andamento do *Blog-Museu Drag*.

A comunicação desses conteúdos é o principal meio de acesso ao público, pois a exposição que é apresentada é apenas a ponta de todo o projeto desenvolvido ao longo da construção do projeto.

A exposição, obviamente, pressupõe pesquisa, coleta, documentação e conservação, e conduz a uma ação educativa que a completa. A exposição realiza (ou pretende) socializar o conhecimento, dizer algo a alguém (mensagem), viabilizar leituras inteligentes dos objetos e, através deles, da realidade (leitura do mundo, de que fala Paulo Freire). (BRUNO, 2010, p.138)

Como o *Blog-Museu Drag* é uma plataforma digital, esse processo de comunicação se dará através de exposições, vídeos performances, cursos e oficinas que entram com a ação educativa, que possuem a intenção de além de conhecer, refletir e dialogar, sobre o fazer *Drag*.

E por que criação de um museu virtual destinado a Cultura *Drag*? Sabemos que desde quando Tony Boita desenvolveu o mapeamento das instituições que desenvolvem exposições ou são voltadas para a comunidade LGBT, o resultado da

época no que concerne à população *drag*, trans e travesti foi baixo, tendo em vista que foram pouco mais de sete instituições encontradas. Atualmente o cenário não mudou, pelo contrário ele tem sido censurado, mesmo no caso do Museu da Diversidade Sexual, que aborda comunidade LGBT de forma ampla, como noticiou o jornal A VERDADE.

O Museu que completaria 10 anos desde sua fundação, e funcionava como um Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo, foi fechado por tempo indeterminado graças a uma denúncia realizada pelo deputado bolsonarista Gil Diniz (PL), que questiona a destinação de verbas para o museu, dizendo que é um “desperdício frívolo de dinheiro público (CARVALHO e POLETTO, 2022)

Já não basta os cortes nas verbas destinadas à cultura e a educação, as instituições que procuram por igualdade e reconhecimento da sua arte e identidade são consideradas como fúteis, para uma bancada conservadora que infelizmente está no poder de tomar decisões que afetam diretamente várias pessoas que vivem da cultura LGBTQIA +.

Desta forma o *Blog-Museu Drag* é proposto como um ponto de esperança e união, construído com força de vontade e paixão pela arte *Drag*, que não será parada por decisões de pessoas que não se preocupam com os outros, o Blog é construído com a soma de membros, que correm por nós e pelos nossos direitos de sermos representados, de forma igualitária.

Por mais que o momento atual seja a era de ouro para a cultura *Drag*, é necessário que sempre sejamos apoio uns aos outros, pois sempre existem sempre pessoas lançando *haters* contra a comunidade.

2.4. Conheça o Blog Museu até aqui.

O processo de construção do *Blog-Museu Drag* na prática é bem simples. Através da plataforma *Wix.com*, na qual o blog é armazenado, irei modelando o *blog* para chegar no ideal, para que seja uma plataforma interativa que consiga transmitir o conhecimento proposto pelo *Blog-Museu Drag*.

Figura 6. Link e QR Code do Blog-Museu Drag.



Fonte: <https://www.blog-museudrag.com/>

Como foi mencionado anteriormente, para que o *Blog* possua legitimidade de um espaço museológico, nos apoiamos na Cadeia Operatória Museológica, desta forma irei apresentar como o *Blog* está construído até o presente momento, ressaltando que o mesmo ainda está em construção, e que se trata de uma construção comunitária, na qual toda ideia e sugestões serão bem-vindas.

- O *layout* do *Blog-Museu Drag* começa com a página de **apresentação do museu**, na qual é apresentada sua história, missão, visão e valores, e a forma que o público pode entrar em contato com o *Blog*, para realizar pesquisas, doações ou agendar horário para as ações educativas;
- A segunda página possui o título **Giro histórico**, por se tratar da apresentação de movimentos que deram início e força para a cultura *Drag* estar presente na nossa sociedade hoje em dia. Essa apresentação será feita através de registros audiovisuais como podcasts e filmes relacionados à cultura *Drag*, que possam contribuir para a melhor contribuição acerca do tema;
- A terceira página é responsável por apresentar as **exposições**, compostas por fotografias de artistas *Drags* de Goiânia, Goiás, que se apresentam na capital, através do espetáculo Cabaré das Divas, e do coletivo *Drag* Goiás.
- A quarta página é um campo destinado a **entrevistas** com artistas *Drags* de Goiânia;
- A quinta página é responsável pela parte **educativa** do *Blog-Museu Drag*, nesse momento temos o Pajubá, dialeto utilizado pelas *Drags* e travestis, com origem no Yorubá, é um idioma da família linguística *nígero-congolesa*. Nessa página também será disponibilizado aulas e oficinas, sobre o fazer *Drag*, desde a maquiagem ao comportamento;

- O sexto campo é responsável por abrigar um **repositório** com publicações sobre a Cultura *Drag* e LGBT, de forma a facilitar o acesso e a divulgação desse conteúdo produzido.

CAPÍTULO 3. CYBEREXPOSIÇÃO

Com os primeiros passos encaminhados para a construção do *Blog-Museu Drag*, esse capítulo é voltado para a apresentação da primeira *cyberexposição* do *Blog-Museu*, aqui pretendo apresentar as *Drags* do cenário goiano e região.

Mas o que é uma *cyberexposição*? É uma exposição digital, no ambiente web, promovida pelo *Blog-Museu Drag*, onde podemos encontrar uma galeria online, apresentando as *Drag Queens* do Sertão Goiano, a exposição dispõe do ciberespaço.

Com isso entendo que ao promover essa exposição o museu tem como foco disponibilizar seu acervo e o tornar acessível e visível, apresentando ao público às artistas transformistas da cidade de Goiânia.

Ao pensar nessa exposição, cheguei ao nome **House of Goyaz**, a escolha desse nome se dá por *House* remeter a palavra casa, é por ser ao lugar que habitamos, damos os nossos primeiros passos. Já a palavra *Goyaz* faz alusão a origem do nome Goiás, que se refere aos povos indígenas Goyazes que em tupi-guarani, Goiás quer dizer 'gente semelhante, igual'. Em paralelo com o tema da exposição, o termo está aqui para mostrar que a arte *Drag* também está presente na história do estado e se faz presente dá a criação da identidade goiana.

3.1. Gente semelhante igual?

Sim! A arte *Drag* é muito semelhante em vários quesitos, porém é muito plural. como foi abordado anteriormente, todos nós podemos fazer *Drag*, dessa forma pretendo apresentar através desta exposição a pluralidade das artistas que temos no Sertão Goiano.

A exposição teve início quando fui prestigiar um show de *Drag Queens* desenvolvido pelo Cabaré das Divas. Após o evento, tive a ideia de fazer uma exposição com as integrantes do Cabaré . Essa primeira exposição, realizada em setembro de 2022, do museu era focada nas drags goianas, e foi desenvolvida para o Artigo "Nascemos nus, e o resto é *Drag* (RUPAUL CHARLES) *Blog-Museu Drag*" (COSTA, 2022 p.6) em parceria com a revista memórias LGBT+ goiás (APENDICE B).

Após desenvolver essa primeira exposição para a revista, fui apresentando a um novo grupo de artistas, que integram o coletivo de Drags de Goiás. Pude

acompanhar alguns espetáculos e apresentações desenvolvidas pelo conjunto, a partir desse momento decidi realizar essa exposição. Apresentei a ideia inicial de como seria a exposição para as meninas e todas gostaram e apoiaram, pois sabem da importância da cena *Drag*, para a nossa comunidade.

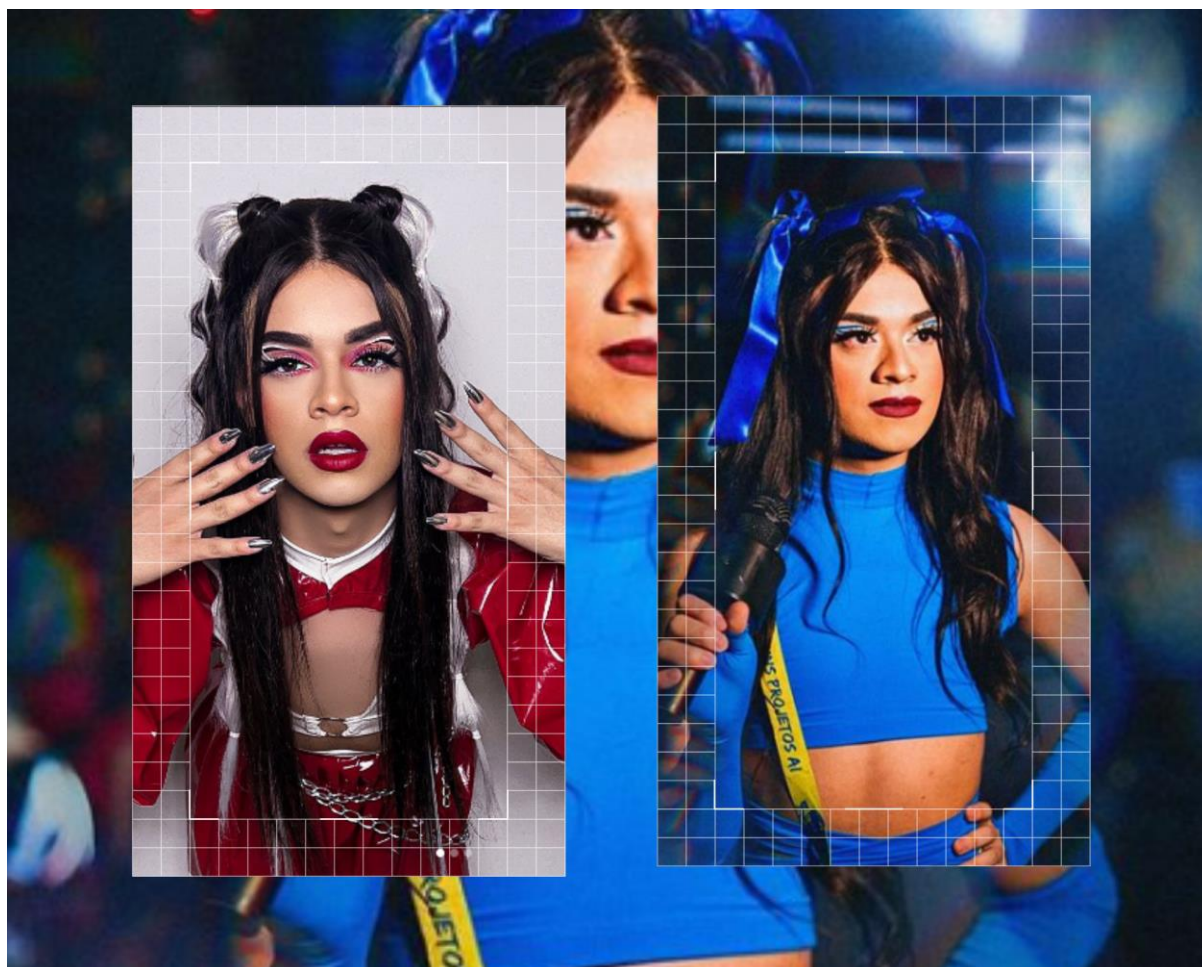
A partir de então, foi se desenvolvendo entrevistas com as artistas, por meio remoto. Nessas entrevistas abordei duas questões, previamente estabelecidas. Primeiramente, nesse bate papo que tivemos, pedi que cada uma se apresentasse, e falasse um pouco sobre sua *Drag*. Dessa maneira, creio que passamos uma sensação de proximidade com o público que irá conhecê-las.

A segunda pergunta que foi feita é qual é a importância da cena Drag em Goiânia-Goiás? Porque ninguém melhor que elas mesmas nos apresentar suas realidades, vivenciadas através da arte *drag*. Porque são os artistas que sabem a real importância de preservar essa cultura.

3.2 EXPOSIÇÃO *HOUSE OF GOYAZ*

ANY VOLAZI @anyvolazi

Figura 7. Drag Queen Any Volazi.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

Se Apresente, como Você ver e definiria sua *Drag*?

Meu nome é Any Volazi, tenho 22 anos, sou *Drag* há 2 anos, comecei na pandemia então como não tinha como sair, tentei crescer nas redes sociais.

Eu definiria minha *Drag* como uma versão feminina de mim, é um personagem que é tudo o que não tenho coragem de ser ou de fazer, então me expesso usando ela, tento levar humor e trazer a diversão para todos que converso nos eventos ou nas redes sociais. Quando terminei meu curso de discotecagem comecei a ser chamada para tocar em algumas festas, e estou crescendo de forma profissional e esse ano de 2023 vai ser muito promissor.

Para você qual é a importância da cena *Drag* em Goiânia e Goiás?

O cenário *Drag* em Goiânia já foi mais forte antes da pandemia, as casas noturnas apoiavam mais e sempre aconteciam muitos shows e as *Drags* eram atração em todos os lugares, mas com a pandemia tudo mudou, depois que os lugares voltaram a funcionar, a maioria das *Drags* desistiram e pararam de se montar, com isso os lugares pararam de chamar e ficou assim por um tempo.

Só por agora que estão surgindo *Drags* iniciantes e os lugares estão voltando a chamar, pelo menos eu estou tentando ao máximo fazer com que isso volte, pretendo tocar em muitas festas e apoiar todas que estão começando agora.

JUSTINE GLASGOW @justineglasgow

Figura 8. Drag Queen Justine Glasgow.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

Se Apresente, como Você ver e definiria sua *Drag*?

Eu gosto de definir minha *Drag* como sexy, provocante, uma verdadeira Diva Pop.

Para você qual é a importância da cena *Drag* em Goiânia e Goiás?

A importância da cena *Drag* em Goiânia é mostrar o quão diversos nossa sociedade é. Ser *Drag* aqui é resistir e enfrentar todo o machismo cultural da região. A *Drag* provoca, questiona valores, cutuca, e é isso que amo fazer.

DONATELLA VEGARA @Donatellavegara

Figura 9. Drag Queen Donatella Vegara.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

Se Apresente, como Você ver e definiria sua *Drag*?

A Donatella pra mim é a junção de três mulheres fodas na minha vida como eu sempre falo. Minha avó, Minha Mãe é Minha Tia, as três mulheres que me criaram e eu admiro muito.

Mesmo eu sendo gênero fluído eu consigo ver a diferença de personalidade entre a Donatella Vergara e o Vinícius Mateus. Donatella é uma personagem que traz uma beleza, uma sensualidade, a força de sempre querer estar bem com as pessoas e ajudá-las mesmo em concurso sabe. Eu defino a Donatella como uma pessoa boa mesmo as pessoas achando que não é (risos).

Para você qual é a importância da cena *Drag* em Goiânia e Goiás?

Hoje em dia o cenário *Drag* de Goiânia tá um pouco apagado por falta de casas noturnas nos darem mais oportunidades, mas mesmo assim não deixamos de sempre mostrar nossa arte, o coletivo *Drag* hoje nos dá uma boa oportunidade para as manas que estão começando agora e as que estão há mais tempo se montando, mostrando sua arte, o Cabaré das Divas nos dá uma boa visibilidade, nos mostra como é estar em cima de um palco de teatro na hora de uma performance.

Isso nos ajuda muito a nos acostumar com o público.

Eu gostaria muito que a cena *Drag* em Goiânia fosse muito grande e bem representada, mas não vamos deixar de mostrar sempre nossa arte

VAIOLA VIOLA @vaiolaviola

Figura 10. Drag Queen Vaiola Viola.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

Se Apresente, como Você ver e definiria sua *Drag*?

Bom, eu definiria minha *Drag* como alternativa (risos), se for reparar nas minhas fotos eu gosto da versatilidade de toda vez que se montar estar diferente em questão de *looks* maquiagem e afins. Eu já tenho aí uns 8 anos de Vaiola e acho que fui me adaptando e seguindo a *vibe* de cada nova *Drag* e estilo que aparece, pegando referências para agregar a minha *Drag*, mas sem perder a essência né, eu amo brilho, não pode faltar nunca se não estiver na roupa tem que estar na maquiagem e se não estiver na maquiagem tem que ter no olhar. Eu amo o que eu faço, é uma arte linda, um jeito de se expressar e às vezes botar para fora nossos sentimentos, por isso continuo até hoje me expressando e me doando por inteiro no que eu amo fazer.

Para você qual é a importância da cena *Drag* em Goiânia e Goiás?

A importância do cenário *Drag* em Goiânia e principalmente no mundo é mostrar todo esse nosso trabalho que construímos em várias horas, e mostrar que somos artistas, mostrar nosso esforço que temos pois não é nada fácil. Que cada uma tem seu dom dentro do mundo *Drag*, essa nossa arte é bem antiga e vem crescendo com o tempo mais e mais. E espero que seja ainda maior no futuro que as pessoas vejam que é muito grande o que todas as *Drags* goiana faz hoje em dia, corremos atrás de muitas coisas para ter um trabalho, uma apresentação maravilhosa da nossa arte mostrar em eventos sociais e dedicar a cada uma que luta para crescer nesse meio. Hoje estamos começando a ser valorizadas em alguns lugares grandes, mas ainda falta muito, temos muito trabalho pela frente. O nome e essa nossa arte ainda será muito bem falado em todo esse nosso Goiás.

PAULETTE PAULA @Paulettepaula

Figura 11. Drag Queen Paulette Paula.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

Se Apresente, como Você ver e definiria sua *Drag*?

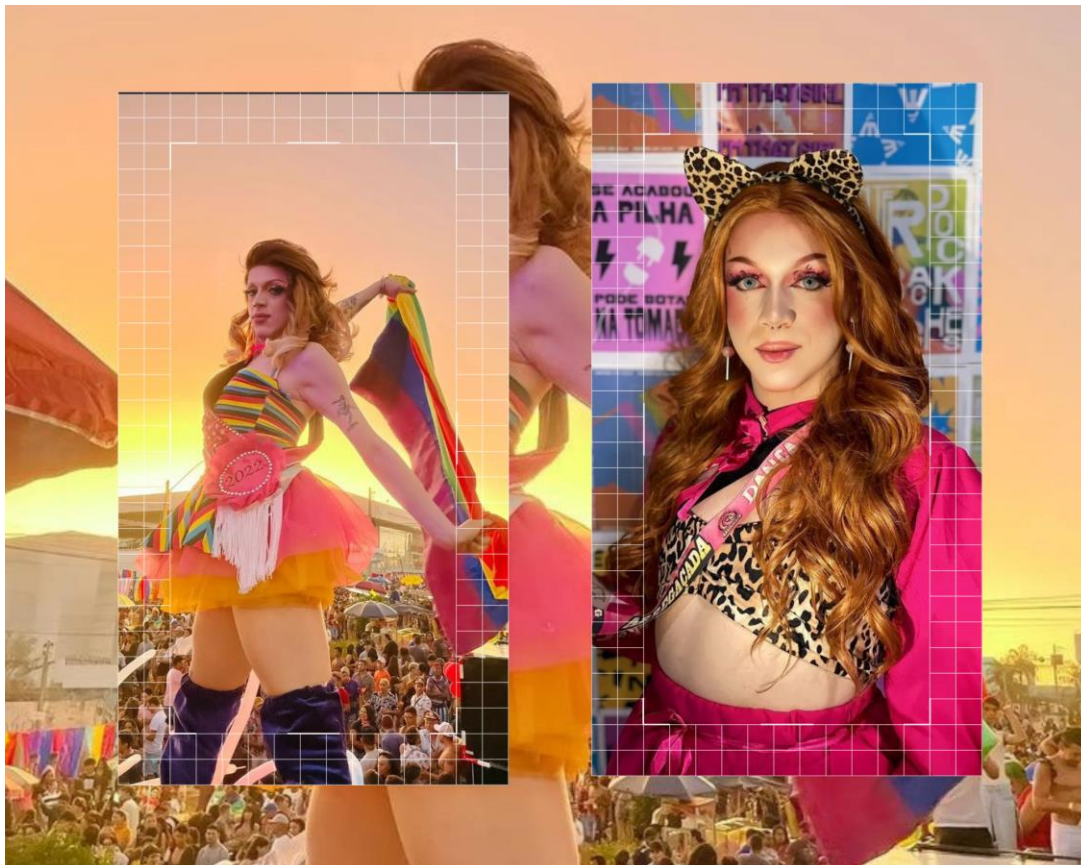
Bom, ser a Paulette é muito mais além que uma produção... com ela posso ser uma artista que canta e dança. Uma *Drag* de personalidade única e forte.

Para você qual é a importância do cenário *Drag* em Goiânia?

É muito importante que outros artistas também mostrem sua arte sem medo, façam parte da luta por visibilidade e que possamos caminhar todas juntas.

LARA PRECIOUS BITTENCOURT @preciousbitt_

Figura 12. Drag Queen Lara Precious Bittencourt.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

Se Apresente, como Você ver e definiria sua *Drag*?

Eu acho essa pergunta exatamente difícil de ser respondida, acreditando que estamos em constante mudança, seja conosco no nosso pessoal e no meu caso, em constante mudança na minha persona *Drag*. A Lara vive em constante mudança. Responder como eu defino a minha *Drag* me abre diversas possibilidades de eu mesma olhar pra esse fazer artístico e me questionar como que eu a defino.

Lara nasceu em 2018 em meio ao caos que se encontrava a vida de Matheus (a pessoa por trás da Lara). Ali eu conseguia definir a Lara como uma válvula de escape de tudo que estava acontecendo, quando Lara estava em terra, meus pensamentos viviam o momento da Lara e me desligar dos problemas e demais coisas que me aconteciam em volta.

Lara sempre quis ser a mais bela, coitada, *Drag Queen* no começo, começa sendo feia. Uma a cada 25 *Drags* começam bonitas. (Então, se você quer ser *Drag*, saiba, você começa sendo feia).

A *Drag* vai sendo polida, desde maquiagem, estética e personalidade ao passar do tempo, porém a Lara se encontra com a mesma ideia do início, porém mais bem feita no dia de hoje. Também, se dentro de quatro anos não tivesse melhorado alguma coisa, já poderia ter parado há um bom tempo.

Esteticamente: me inspirava nas *Angels*, pois queria chegar e ser vista, mas sem estar com algo que fosse extremamente chamativo ou extravagante, queria causar impacto visual, mesmo estando com uma produção sutil. E sempre peguei referências de Blogueiras. Pasmem, não assisto *Rupaul Drag Race (RPDR)*. Então não tinha *Drag* pra poder me inspirar a fazer as montações da Lara.

Personalidade: a Lara é um mix de duas personalidades. Pensa naquela mulher que foi criada no interior de algum estado, não fazia ideia de como era as tecnologias avançadas da cidade, e do nada se casou com um homem rico e foi morar na capital. Porém, a essência dela continuou a mesma, a roupa por fora pode ter mudado, mas por dentro ela continua sendo engraçada, espontânea, falando umas besteiras, dando algumas ratas. Tirando o salto alto pra poder subir em alguma árvore no meio da rua pra catar manga. Conseguiu pegar a *vibe*?

Misturada com a personalidade da malévola, sendo debochada, às vezes cínica e extremamente irônica. E é o primeiro impacto que a Lara causa, se você conquistar a confiança ou intimidade da Lara, você passa da malévola e acessa a dondoca rica que veio da roça, mas que a roça não saiu dela.

Eu sei que os anos se passaram, e hoje fazer esse questionamento de como definir a minha *Drag*, além de artista, eu mantenho o mesmo pensamento do início, que a Lara é meu porto seguro e diversas vezes a minha maior válvula de escape.

Lara é engraçada, sistemática, às vezes bonita, às vezes estranha, às vezes na cabeça dela ela se encontra horrorosa, mas na maioria das vezes é só paranoia.

Lara dança, dubla, bate cabelo, anima festa de aniversário, assombra casa de 3 cômodos, o que for preciso ela faz. Pagando bem, ela faz o que pedir.

Para você qual é a importância do cenário *Drag* em Goiânia?

Agora respondendo esse questionamento da importância da cena *Drag* em Goiânia.

Vamos falar a verdade? Lembrando lá da Lara com personalidade de malévola Você LGBTQIAP+ que está lendo esse babado e que é de Goiânia. Traz no seu pensamento o nome de 10 *Drags* Goianas que você conheça.

Dessas 10 *Drags*, pense em 8 que trabalham na noite goiana e dessas 8 pense em 5 que recebe pra poder fazer esse trabalho. Pensou? Dessas 5, pense em 3 que recebem bem e que conseguem sustentar os gatos do seu trabalho como *Drag* desse pagamento que ela recebe.

A cena *Drag* de Goiânia é uma cena excludente e que se você deseja crescer e fazer o seu nome enquanto *Drag*, a sua maioria das vezes, você precisa fazer esse corre sozinha. E normalmente quando você recebe um tapinha nas costas e escuta que "tá arrasando", nem sempre é de quem está querendo realmente o seu bem ou acha que você arrasou.

Mas por que isso acontece? Hoje em dia, *Drag Queen* não "rende" para produtores de festas, para as casas noturnas, para estarem nas choppadas e etc. Faltam oportunidades, para ser lembrada é preciso ser vista, mas para ser vista é preciso espaço.

Temos espaços de eventos em Goiânia que poderiam pensar no trabalho das *Drags* e fazer uma rotatividade de apresentações no decorrer das noites do mês, que poderiam investir nas *Drags* para estarem na porta recebendo o público, aparecendo no Instagram fazendo mídias, no palco da boate se apresentando. Porém, isso não acontece. E quando acontece, querem pagar R\$50,00 e R\$30,00 de consumação. E olhe lá quando aparece pelo menos os R\$30,00 da consumação, pois quando te oferecem os R\$50,00, a gente até agradece pois vai conseguir pelo menos pagar o Uber de voltar pra casa.

Fazer *Drag* é caro, manter a sua *Drag* é ainda mais caro. Fazer com que a sua *Drag* seja vista e que se destaque com produções, para as pessoas em volta verem e se interessarem no seu trabalho é ainda mais caro.

Eu poderia falar "nossa, a cena *Drag* goiana é perfeita", mas eu estaria mentindo, pois não é.

Temos uma rede de apoio, temos coletivos que lutam pra conseguir um retorno melhor para as artistas *Drags* da cidade. Mas poderiam ter várias outras formas de conseguir retorno para todo mundo.

Falta vontade de produtores e oportunidade pra que nosso trabalho apareça. E vamos falar a verdade, 5 djs em uma festa, recebendo 250,00 pra fazer uma hora

de set, mas não pode ter uma *Drag* fazendo um show, uma animação, um shot, e receber seus 150,00?

"Ah, mas é no máximo 5 minutos de apresentação, o DJ fica uma hora...", mas quanto tempo a *Drag* levou pra ficar pronta? A quantos dias ela precisou pensar no *look* pra estar no palco 5 minutos? Quantos reais que o DJ que editou a música da *Drag* cobrou? Quanto que ela gastou pra comprar a base nova, o pó e a cola de cílios dela que acabou?

Isso tudo precisa ser pensado para que o cenário *Drag* seja um cenário acolhedor e não um cenário que exclui.

TANYSHA LAQUANDA @Tanishalaquanda

Figura 13. Drag Queen Tanysha Laquanda.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

Se Apresente, como Você ver e definiria sua *Drag*?

Há exatamente um ano eu disse "Tanisha acabou". "...Acabou porque eu não me identifico mais com o ato de fazer *Drag*. Não que seja totalmente falso. Mas não quer dizer que eu não me identifique com a Tanisha.

Hoje, sinto que ela é capaz de evoluir comigo. Talvez porque, nesse último ano, vivi tanto que morri e nasci de novo. É preciso da arte para contar o que não cabe em nenhuma palavra.

Talvez porque vivendo uma vida travesti eu entenda que a arte que faço precisa me fazer transbordar, porque o mundo não cabe aqui dentro. Talvez porque hoje eu entenda melhor onde minha arte, meu corpo e meu tempo devem ser expostos.

Acabei com a Tanisha porque quis. Recomeço porque quero. Reconhecendo falhas e limites, nos recriamos. Hoje me defino como uma Trava Queen.

3.3 Outros artistas que integram a cena *Drag* em Goiânia - Goiás.

ELAY OLIV @elayoliv

Figura 14. Drag Queen Elay Oliv.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

VICTOR BALIANE @victorbaliane

Figura 15. Drag Queen Victor Baliane.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

TYNNA RISQUÊ @tinnarisqueoficial

Figura 16. Drag Queen Tynna Risquê.



Fonte: Imagem Cedida pela artista

3.4 Playlist

Sabendo da importância da música para a Cultura Drag, apresento duas *playlists* com músicas das grandes divas, que fazem e fizeram trilha sonora para essa caminhada de muita luta, resistência e persistência, para continuar fazendo a arte drag, florescer.

Figura 17. Playlist 1. Drag Queen's Playlist.



Disponível em:

<https://open.spotify.com/playlist/2Vnl3lnrbIVPPNCBd5kA6J?si=bhcvxRluQIGRuWsjluZh8g>

Figura 18. Playlist 2. Drag Queen Brasil.



Disponível

em: <https://open.spotify.com/playlist/4JKXeZVMvtp2ISuam2ST47?si=AQFcLWITToKFSWABmWlkyA>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que é muito importante enaltecer a cultura drag, ela surgiu há muito tempo assim como quase sumiu, como relatado. Creio ser essencial preservar essa cultura, por não se tratar apenas de colocar uma peruca e se apresentar. Trata-se de uma compreensão que precisa de prática, paciência. Refere-se às performances, de saberes e ensinamentos que podem ser passados para as gerações futuras de drags.

Para descobrir a importância desse movimento foi necessário revisitar alguns períodos da história, para lembrar e descobrir a real dimensão da cultura Drag e LGBTQIAP+. E como ela é diversa e mutável.

Após realizar esse passeio através do tempo, começou a ser desenvolvido ao longo deste trabalho monográfico como se criar um Blog-Museu Drag, no meio digital, utilizando procedimentos museológicos como a cadeia Operatória de Cristina Bruno (2010). Para salvaguardar e comunicar o Blog, com procedimentos com aura de um museu normativo, mesmo o blog se configurando como um anti-museu Montagner (2003), quando ele não se encaixa na teoria da caixa.

Com a realização desta pesquisa chegamos ao resultado esperado que foi a construção do (www.blog-museudrag.com) que se conclui com uma linda exposição, na qual são apresentados os artistas transformistas que se apresentam em Goiânia e Região metropolitana. Na qual para um pode apresentar sua arte e dizer o porquê é importante salvaguardar a Cultura Drag, e como é e crescente e forte no sertão Goiano, afinal aqui não é apenas terra do sertanejo. Também temos muito laquê e peruca no cenário cultural.

REFERÊNCIAS

- AMANAJÁS, I. Drag Queen: Um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. *Revista Belas Artes*. Ano 11, Nº 29, São Paulo, 06 ago. 2019. Disponível em: <[https://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player & slug=drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformista](https://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformista)> Acessado em: 10 de Junho de 2022.
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony W.; MORAES WICHERS, Camila A. de. O que é Museologia LGBT?. *Museus, Memória e Museologia LGBT + Feminismo. Revista Memórias LGBT*, 2020, p.4-10.
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony W.. Ode a Giuseppe Campuzano. *Revista Memória LGBT*, 2014, p. 8-10.
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony W. Patrimônio cultural LGBT e museus: mapeando potencialidades de memória negligenciadas, 2015.
- BARUFI, Luisa. Crossdresser: conheça o estilo de vida por trás do fetiche. *Metrópoles*. 12 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/crossdresser-conheca-o-estilo-de-vida-por-tras-do-fetiche>> Acessado em: 20 de Agosto em 2022.
- BLOG CHINATUR. *História da Ópera de Pequim*. Disponível em: blogchinatur.blogspot.com/2014/10/historia-da-opera-de-pequi-para-quem.html Acessado em: 20 de Agosto de 2022.
- BOITA, Tony W. *Memória LGBT: Mapeamentos e Musealização em Revista*. Monografia. Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, 2014.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia: entre abandono e destino. *Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.]*, v. 9, n. 17, p. 19–28, 2020. DOI: 10.26512/museologia.v9i17.31590. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31590>. Acesso em: 26 de Jan de 2023.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e Contextos de uma Trajetória Profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. Colaboradores Marcelo Mattos Araújo, Maria Inês Lopes Coutinho
- BUENO, Guilherme & OLIVEIRA, Thierry, *Drag Queen: História e Perspectiva de quem vive a arte. O percurso histórico de uma arte de liberdade e resistência*. UNESP, 2021. Disponível

em:<<https://www.faac.unesp.br/sharer.php?noticia=2051>> Acessado em 06 de Janeiro de 2023.

CARVALHO, Priscila e Poletto, Julia. Deputado bolsonarista ocasiona fechamento do Museu da Sexualidade Sexual em SP. *Jornal A Verdade*. São Paulo, 11 de maio de 2022. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2022/05/deputado-bolsonarista-ocasiona-fechamento-do-museu-da-diversidade-sexual-em-sp/>> Acessado em 06 de Janeiro de 2023.

COSTA, Joglesson. Nascemos nus, o resto é *Drag* (Rupaul Charles) - Blog-Museu *Drag*. *Revista Memórias LGBT+Goiás*. Volume 16. Ano 09. p. 6- 11), Setembro de 2002. Disponível em: <<https://www.calameo.com/books/001105595a24ce5a6b698>> Acessado em 06 de Janeiro de 2023.

ICOM aprova Nova Definição de Museu, 2022 Disponível em: <<https://www.icom.org.br/?p=2756>> Acessado em 12 de dezembro de 2022.

KIEFER, Flávio. Arquitetura De Museus. *Revista ARqtexto*,n.1,p.12-25, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MONTANER, Josep. *Museus para o século XXI*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

MORAES, Rafael R. de Castro. Pabllo Vittar veio à tona, foi K.O.: A Cultura Drag na mídia e no mercado musical brasileiro / Rafael Ribeiro de Castro Moraes; Mayka Castellano, orientadora. Niterói, 2019. 123f.

MORAES WICHERS, Camila A de. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas. *Revista da SAB*, 2017. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/543>> Acessado em 25 de Jan de 2023.

MORAES WICHERS, Camila A de Arqueologia, museus e identidade cultural: tensionamentos queer. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 13, n. 1[22], p. 199–2017, 2019. DOI: 10.20396/rap.v13i1.8654824. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8654824>. Acesso em: 26 jan. 2023.

PINHONI, M. REGADAS, T.; LIMA, T. *Drag queens: a história da arte por trás de homens vestidos de mulher*. G1. São Paulo, 06 out. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queens-a-historia-da-arte-por-tras-de-homens-vestidos-de-mulher.ghtml>>_Acessado em: 15 de agosto de 2022.

PINHONI, Marina, REGADAS, Tatiana, e LIMA, Thais. *Dicionário Drag Queen: aprenda as gírias mais usadas*. G1, São Paulo, 2017. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/dicionario-drag-queen-aprenda-as-gurias-mais-usadas.ghtml>> Acessado em: 20 de Agosto de 2022.

PIRES, Luis Otávio. Análise sobre a Representatividade da Arte Drag nos veículos de comunicação digital “ O Globo” e a “Folha de São Paulo” Caso Pablllo Vittar. Brasil Escola, São Paulo. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/analise-sobre-a-representatividade-da-arte-drag-queen-nos-veiculos-de-comunicacao-digital-o-globo-e-a-folha-de-s-paulo-caso-pablllo-vittar.htm>> Acessado em 15 de Agosto de 2022.

QUINTELA, A. C. O topônimo “Goyaz”. Signótica, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 153–172, 2011. DOI: 10.5216/sig.v15i2.16216. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/16216>. Acesso em: 2 jan. 2023.

REA, Caterina Alessandra e AMANCIO, Izzie Madalena Santos. Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul. Cadernos Pagu [online]. 2018, n. 53 [Acessado 5 Janeiro 2023], e185315. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530015>>. Epub 04 Out 2018. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530015>.

SOUSA, Alana. As Drag Queens da Era Vitoriana. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/em-imagens-drag-queens-da-era-vitoriana.phtml>> Acessado em: 12/05/2022

TORRES, Beatriz, *KABUKI, conheça essa forma teatral exagerada e incomum, no recatado Japão*. Disponível em: <https://japaocomtsuge.com.br/kabuki/>> Acessado em 15/05/2022.

VIEIRA, Willian. A luta nunca termina. *Revista Gama*, 28 de junho de 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/orquillo-de-que/linha-do-tempo-direitos-lgbt-no-brasil-e-no-mundo/> Acessado em 3 de janeiro de 2023.

APÊNDICE A - PÔSTER BLOG-MUSEU DRAG, APRESENTADO NO SEBRAMUS.



Blog-Museu Drag "Nascemos nus, o resto é drag" Rupaul

O presente trabalho aborda as inspirações para a criação do blog-museu drag. Para tal, tem como objetivo a criação de um museu virtual, no qual serão utilizados procedimentos da Museologia comunitária. O Museu virtual, a princípio é uma plataforma digital acessível, onde as pessoas podem expressar seus sentimentos e ser quem elas desejarem ser, uma plataforma que nos possibilita demonstrar o que realmente queremos fazer. Pensando nessa questão da proximidade com o próximo e a liberdade de se expressar, o museu digital é construído no formato de blog, que é inovador e contemporâneo além de ser uma espécie de diário online.

Figura 1. Layout do Blog-Museu Drag



Fonte: Imagem Pessoal

O Blog-Museu *Drag* passa por um processo de subversão por deixar o conceito de museu tradicional para trás, e se encaixa no conceito de anti-museu, em uma plataforma digital para poder atender mais pessoas que se relacionam com a cultura *Drag*.

Figura 2 . Primeira exposição do Blog-Museu Drag



Fonte: colagem feita pelo autor com imagens disponibilizadas através das redes sociais, para apresentar as drags goianas.

O Blog-museu *Drag* está em construção, mas é pensado como uma plataforma de salvaguarda da Cultura *Drag*, através de suas performances, fotografias e relatos. O projeto do blog museu drag é a porta de entrada para o desenvolvimento de uma Museologia *Drag*.

APÊNDICE B - ARTIGO BLOG-MUSEU DRAG EM PARCERIA COM A REVISTA
Memória LGBTQ+ GOIÁS.



Revista **Memórias** LGBTQ+ **Goiás**

Apresentação

Secretaria de
Estado de
Cultura



Disponível em: <<https://www.calameo.com/books/001105595a24ce5a6b698>>



Fui apresentado ao Universo das drags em 2017, durante uma apresentação da Drag Queen Gloria Groove, meses depois conheci a drag Queen Pabllo Vittar, ao acompanhar algumas entrevistas que elas concederam na época. Me lembro delas citarem que são filhas de Rupaul, claramente fiquei curioso, ao buscar mais sobre na internet cheguei até o reality show Rupaul Drag Race.

E foi exatamente naquele momento que criei afeto pela arte e cultura drag, e pela forma como elas são capazes de se expressar e externar toda a persona que sempre esteve aprisionada em seus corpos. Esse universo me encantou.

Rupaul canta em uma de suas músicas Born Naked de 2014, que "todos nós nascemos nus é o resto é Drag", essa frase me faz pensar sobre como todos nós podemos fazer drag, já que as drags são persona e alter egos que criamos. Alguns exemplos: Lady Gaga que é a persona de Stefani Germanotta; Gloria Groove é a personagem de Daniel Garcia; Rita Von Hunty é a personagem do Guilherme; Xuxa é a persona de Maria da Graça Xuxa Meneghel.

Partindo desse ponto de que a drag é uma personagem criada para mostrar ao mundo o que você tem de melhor, acredito

que a drag pode ser considerada como uma máscara que as pessoas utilizam para determinado fim. Por exemplo, no "podcast" (POC de Cultura episódio 35 — A Arte Drag), Guilherme argumenta que Rita Von Hunty é sua personagem, que é como uma máscara para vencer a timidez e chegar até o público.

Entendemos que drag é uma personagem criada por um sujeito, para mostrar sua melhor versão de si. Drag pode transitar por vários sentidos da vida, além da área artística. Mais o que é a drag queen? O termo Drag Queen (ou King) é definido por Jaqueline Jesus como:

"Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. Esse conceito é abordado pelo guia de Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos" (Jesus, 2012 p 18)

Atualmente qualquer pessoa independente do gênero pode fazer drag, como performance artística. Portanto, para ser drag não é essencial um padrão, todos podem se expressar através da arte, homens, gays, lésbicas, transsexuais, mulheres cis e até mesmo homens héteros, pois o mais importante é a arte e a cultura em desenvolvimento.

Muito se engana quem pensa dessa forma, de acordo com Alana Sousa (2020) “A arte drag, tem registros desde a Roma antiga, porém foi no teatro da Grécia antiga, onde as mulheres eram proibidas de se apresentarem em palcos, por ser considerado inapropriado. desta forma os homens tinham o papel de performar esse papel destinado às mulheres. A prática dessa performividade se tornou comum com o passar do tempo. porém foi somente na Era Vitoriana, durante os séculos XIX e XX, que a expressão drag foi utilizada pela primeira vez, nesse período a drag era responsável por popularizar a representação feminina de forma artística pela europa”.

Saindo da Era Vitoriana e indo para o Japão temos o Teatro Kabuki, século XVII, ele operava com moldes similares às manifestações artísticas da e Era Vitoriana, o teatro Kabuki feminino era proibido por ser associado a prostituição, portanto cabia aos homens quebrarem o tabu e os estereótipos interpretando mulheres, de forma artística no palco durante as apresentações. A palavra Drag não era utilizada mais sim a expressão onnagata que é um (ator que interpreta papéis femininos).

Nos anos 80 a Arte drag estava em grande ascensão, porém foi bruscamente freada pela pandemia do HIV (AIDS). O fato das drag queens estarem inseridas na comunidade LGBTQIA+ e nos Ballroom fez com que elas fossem discriminadas pela sociedade, vítimas de preconceito. Dessa forma elas não tinham locais para se apresentarem e a cena drag acabou por ser diminuída.

Após a cultura e o cenário drag quase

ter desaparecido, nos anos 90 surgiu aquela que viria a ser uma das maiores representantes da Cultura Drag, RUPAUL CHARLES. Ele com sua drag fugia do padrão que as drags possuíam de ser personas que expressam suas feminilidades de forma caricata e humorada, que dublavam as grandes divas da época. Rupaul através da sua drag, se tornou modelo, cantor, ator e apresentador do maior reality de Drag queen do mundo, Rupaul Drag Race.

O impacto de Rupaul foi tamanho que a arte drag voltou com força para a mídia. Atualmente, estamos vivenciando uma era de ouro para as drag queen. No Brasil, Pablo Vittar e Gloria Groove, são atualmente as drags mais famosas, em um país extremamente homofóbico.

Quem poderia imaginar que no Brasil um dos países mais preconceituosos seria um berço das drags? Temos drags no cenário da música pop, sertaneja, funk, forró e brega. Temos drags participando de novelas, filmes e na política.

Como o cenário drag quase desapareceu uma vez durante a epidemia da AIDS, me surgiu o interesse de como seria possível preservar essa cultura tão rica. Foi então que ingressei na academia e conheci a museologia comunitária, que me ajudou a compreender os processo de construção da memória realizados a partir dos sujeitos e comunidades. Me foi apresentado alguns termos como museologia LGBT que atua com projetos voltados para a comunidade LGBT, e dentro da museologia temos a museologia comunitária LGBT, que Boita, Baptista, Habib e Sabará. entendem como:

"Um conjunto teórico e metodológico orientado por uma epistemologia LGBT+ interseccionada a gênero, classe, raça, particularmente caracterizada pelo uso do pronome "nós" e diretamente vinculada às demandas de Políticas Públicas aliada aos pilares dos Direitos Humanos. Trata-se de uma Museologia pensada por nós, onde o pertencimento é determinante para se deliberar sobre nossas próprias demandas, pautando-se, sobretudo, na salvaguarda de nossas memórias como estratégia de proteção de nossas vidas, para nós e por nós — ou seja, é uma Museologia feita por e para a comunidade LGBT+." (Baptista e Boita, p 20. 2015)

Esse novo conceito me deixou muito empolgado porque ninguém melhor do que os membros da comunidade para dizer o que a comunidade precisa. Ao realizar um trabalho para uma disciplina de Antropologia Visual, que possuía como objetivo a criação de um museu, surgiu a ideia do Museu Virtual, que a princípio era voltado a evidenciar a cultura da comunidade Queer, pensando como um antropólogo e utilizando os textos da disciplina com uma abordagem social.

Ao final do trabalho me surpreendi com o resultado, porque nasceu uma perspectiva para a abordagem da cultura Drag, voltada para o campo da museologia.

O Museu virtual, a princípio é uma plataforma digital acessível, onde as pessoas podem expressar seus sentimentos e ser quem elas desejarem ser, uma plataforma que nos possibilita demonstrar o que realmente queremos fazer.

Bibliografia

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia Comunitária LGBT.

Revista Memórias LGBT. Rio de Janeiro, n. 7, p. 20, 2015.

TEIXEIRA, Gabriela. Existe um padrão de Drag? JORNALISMO JÚNIOR, Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/existe-um-padrao-de-drag/>> Acessado em 05/05/2022

SOUSA, Alana. AS DRAG QUEENS DA ERA VITORIANA, PUBLICADO EM 14/02/2020. disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/em-imagens-drag-queens-da-era-vitoriana.phtml>> Acessado em: 12/05/2022

Pensando nessa questão da proximidade com o próximo e a liberdade de se expressar, o museu virtual é construído no formato de blog, uma espécie de diário online.

Dessa forma o blog-museu drag é algo que penso como uma subversão do museu tradicional em paralelo com a Arte Drag, onde uma pessoa se coloca no full Drag, para expressar a melhor versão de si próprio. O Blog-Museu Drag passa por essa transformação no exato momento que deixa o conceito de museu tradicional para trás, e se encaixa no meio virtual para poder atender mais pessoas que se relacionam com a cultura Drag.

É muito importante entender a cultura drag, ela surgiu há muito tempo assim como quase sumiu, como relatado. Creio ser importante preservar essa cultura, por não se tratar apenas de colocar uma peruca e se apresentar, se trata de uma compreensão que precisa de prática, paciência, referem-se às performances, de saberes e ensinamentos que podem ser passados para as gerações futuras de drags.

Trata-se de uma questão de identidade, como Rupaul disse uma vez: "Quando você se torna a imagem que imagina de si, é a coisa mais poderosa que você pode fazer". A drag pode ser a porta para o autoconhecimento e compreensão de si mesmo.

O Blog-museu Drag está em construção, mas é pensado como uma plataforma de salvaguarda da Cultura Drag, através de suas performances, fotografias e relatos. O projeto do blog museu drag é a porta de entrada para o desenvolvimento de uma Museologia Drag.

Exposição: Expor-DRAG

A exposição é um compilado de fotografias das drags Queens que são artistas e que desenvolvem um trabalho incrível nas noites da grande Goiânia.



Imagem: Artistas que atuam em Goiânia - Goiás

Fonte: Antes do ponto final



Imagem: Artistas que atuam em Goiânia - Goiás

Fonte: Antes do ponto final



Imagem: Artistas que atuam em Goiânia - Goiás

Fonte: Antes do ponto final.

